

# A Pastoral Litúrgica no Regional Sul IV

**Pe. Manoel João Francisco**  
**Prof. de Liturgia**

Quase vinte cinco anos são passados da promulgação da Constituição "Sacrosanctum Concilium" sobre a Sagrada Liturgia. Sem sombra de dúvida, este documento, como todo o Concílio Vaticano II, se constitui num divisor de épocas. Toda referência na área de liturgia agora deverá ser feita aos antes e ao depois da "Sacrosanctum Concilium". O Concílio declarou ter quatro grandes preocupações:

- "fomentar a vida cristã dos fiéis";
- "adaptar melhor as necessidades de nossa época às instituições que admitem mudanças";
- "promover tudo o que pode ajudar a união de todos os que crêem em Cristo";
- "impulsionar o que pode contribuir para chamar todos ao seio da Igreja".

Para atingir este objetivo, é ainda o Concílio que declara "julgar seu dever cuidar de modo especial da reforma e do incremento da Liturgia" (SC 1/521).

Por isso dar uma bispada neste quarto de século e ver a quantas andamos, no que toca à liturgia, não parece ser uma ação ociosa, pois da liturgia depende toda transformação "ad intra" e todo impulso "ad extra" na Igreja.

## Uma Pesquisa

Em 1984 a Linha 4, Dimensão Litúrgica da CNBB promoveu um levantamento em todo o Brasil sobre a caminhada da reforma litúrgica pós-conciliar. As dioceses do nosso Regional foram também solicitadas a prestar este serviço. Joinville, Lages e Rio do Sul se omitiram. Caçador,

*quer-me parecer que seria de utilidade saber como se encontra Santa Catarina, neste setor de Liturgia, já que estamos em véspera de um novo Plano de Pastoral.*

Chapecó, Joaçaba, Tubarão e Florianópolis responderam. O questionário pretendia saber a respeito dos seguintes temas:

- Participação do povo nas celebrações
- Liturgia, — Palavra e Conversão pessoal e estrutural
- Liturgia, Adaptação e Renovação
- A Liturgia e as suas diversas expressões (escuta da Palavra, louvor, ação de graças, intercessão, compromisso-profético-evangélico)
- O Mistério Pascal
- Os Pobres e a Liturgia
- A Piedade popular e a Liturgia
- Domingos, Semanas e Meses Temáticos

- Liturgia e Proliferação de seitas
- Dificuldades no Esforço de Renovação
- Equipes de Liturgia
- Formação litúrgica dos agentes:
  - Leigos
  - Padres
  - Religiosos

A nível nacional, a CNBB publicou na série "estudos da cnbb" um fascículo contendo a análise das respostas vindas de todo o Brasil. Muito embora, nossa realidade não seja totalmente diversa do resto do Brasil, quer-me parecer que seria de utilidade saber como se encontra Santa Catarina, neste setor de Liturgia, já que estamos em véspera de um novo Plano de Pastoral.

## Liturgia e Participação

A Pesquisa nos apresenta o seguinte quadro:

### Positivos

- A participação do povo tem crescido consideravelmente
- Principalmente nas celebrações sem padre se constata uma vida nova e uma maior participação dos fiéis
- De modo particular na celebração da Eucaristia a participação da comunidade tem crescido muito
- A existência dos folhetos litúrgicos
- Os novos cantos e os gestos litúrgicos
- Nível de participação: razoável, bem melhor, mais ativa, mais consciente, mais comprometida, atenta, devota, calorosa. . .

### Negativos

- Ainda há passividade. O povo deve participar com suas próprias palavras. A falta de participação se percebe nas celebrações do matrimônio, exéquias e penitência
- Falta de interesse dos que presidem e preparam as celebrações
- O povo está precisando de catequese litúrgica
- O problema das "massas": como promover a participação?
- Vivemos ainda um ritualismo. . .
- A participação dos jovens deixa muito a desejar
- Culto dominical: participação fraca, falta consciência do valor
- As celebrações dos sacramentos são pobres em seus ritos. Tem pouco de celebração
- Faltam rituais adequados

### Observações

As respostas parecem confundir participação com presença dos fiéis. Talvez a pergunta não tenha sido bem formulada.

Os problemas se manifestam mais agudos em determinadas celebrações tais como o matrimônio, as exéquias, o batismo e a penitência. A celebração da Unção dos Enfermos e da Liturgia das Horas nem foi mencionada.

Quanto ao batismo parece-me que a preparação de caráter quase exclusivamente "legal" e doutrinal não consegue

mudar a mentalidade das pessoas para uma participação mais efetiva na comunidade e conseqüentemente nas celebrações. A figura dos padrinhos parece mais coreográfica que de compromisso. Os ministros (padres, diáconos e ministros extraordinários) deixam também a desejar. São muito mais administradores de sacramentos do que animadores de celebração. O Rito de Iniciação Cristã dos Adultos com suas possibilidades de renovação litúrgico-pastoral é praticamente desconhecido. As celebrações da maioria das vezes são feitas quando solicitadas. Isto faz com que a comunidade desconheça o dia e a hora das celebrações, tornando-se difícil, senão impossível a participação. Na quase totalidade inexistem equipes de liturgia que prepare e ajude a celebração do batismo.

Quanto ao sacramento da Penitência parece que o grande problema é a perda do sentido do pecado e o conseqüente abandono da celebração deste sacramento. O ritual também não consegue ser coerente entre as afirmações teológicas feitas na introdução e a proposta ritual. Um exemplo apenas. Na introdução declara-se que "toda a Igreja, enquanto povo sacerdotal, age de diversos modos no exercício da obra da reconciliação que Deus lhe confiou"

*Cristo não instituiu um sacramento inutilmente.*

(RP 8). Uma olhada nos ritos, porém, nos fará ver de imediato que o exercício do sacerdócio por parte do povo é totalmente esquecido.

Esta ausência da dimensão comunitária no rito parece ser também uma causa forte da não-participação no sacramento da Penitência.

Sabe-se que a celebração deste sacramento já mudou diversas vezes. Sempre que entrava em crise, os pastores buscavam e achavam novas maneiras de celebrá-lo. Tais mudanças de início eram contestadas, mas no final assumidas pelo Magistério. Por exemplo a penitência tarifada foi condenada pelo Concílio de Toledo em 589 e aprovada pelo Concílio de Chalon-sur-Saône em 653.

Negar que o sacramento da Penitência passa por uma crise é querer negar o óbvio. Compete, por isso, através de um trabalho sério, buscar novas formas de celebrá-lo. É claro que isto vai exigir muita sensibilidade pastoral, profundos estudos de teologia bíblica e dogmática, além do auxílio da história e da antropologia cultural. A tarefa é grande, mas deve ser feita. Cristo não instituiu um sacramento inutilmente. A igreja em outras épocas achou formas de celebrá-lo por que nós não as encontraremos? Nosso Regional não pode, a meu ver, ficar omissos nesta tarefa. O novo Plano de Pastoral poderia contemplar também este aspecto da pastoral litúrgica.

Quanto ao matrimônio fala-se na falta de um ritual adequado e pouca fé dos que o celebram.

Aqui também será preciso uma aguda sensibilidade pastoral, bem como uma reflexão mais séria sobre a sacramentalidade do matrimônio. Talvez se pudesse chegar até uma

celebração por etapa deste sacramento, e a uma dissociação entre contrato e sacramento. Desta forma poder-se-ia fazer um contrato de casamento sem intenção de receber o sacramento. O contrato seria verdadeiro e válido, mas não haveria sacramento. Este só aconteceria depois de um acompanhamento catequético e um amadurecimento da fé do casal. Seria algo semelhante ao que já acontece na vida religiosa. Os votos perpétuos são feitos depois de um tirocínio e um maior amadurecimento da decisão.

Aqui também necessário se faz um estudo sério e pro-

*um povo unido cumpre seus compromissos e em decorrência disso surgem pessoas disponíveis para a catequese, catecumenato etc.*

fundo. Estas hipóteses não podem ser lançadas de forma imprudente. Além destas questões dogmáticas, o ritual do matrimônio poderia ser revisto a fim de permitir uma maior participação dos fiéis na sua celebração.

Quanto à Liturgia das Horas nada foi dito, ou melhor, uma diocese respondeu "ninguém tem".

O nosso povo, no entanto, tem gosto pela oração. Basta olhar o número de fiéis que acorrem às novenas de diversos tipos e nos diversos dias da semana. As novenas feitas em família são também muito participadas. Uma formação bíblico-litúrgica poderia usar mais os salmos nestas oportunidades e as orações poderiam aproveitar-se bastante do esquema da Liturgia das Horas.

### **Liturgia Palavra e Conversão**

Encontramos a partir da pesquisa o seguinte resultado:

#### **Positivos**

— O despertar para o social e a conversão daí decorrente são processos lentos. Mas há grande receptividade e sede. Está se tomando consciência de que um povo unido cumpre seus compromissos e em decorrência disso surgem pessoas disponíveis para a catequese, catecumenato etc.

#### **Negativos**

— Ainda persistem: espiritualismo excessivo, manipulação dos textos litúrgicos, agentes e comunicadores despreparados.

A palavra de Deus fica na liturgia e não entra na vida. Não leva à conversão das estruturas. O povo não sente a liturgia como compromisso e não se converte. Há um entendimento conservador e individualista da fé.

O engajamento fica restrito a grupos.

O conhecimento das estruturas sociais é limitadíssimo e a atuação nestas estruturas é reduzida e confusa.

A assembléia é muito grande. A Palavra se dilui não comprometendo ninguém.

## Observações

A proclamação da Palavra é sem dúvida um dos elementos essenciais da celebração litúrgica. Por isso todos os novos rituais apresentam como parte de seu conteúdo um lecionário relativamente extenso.

***A Bíblia, porém, deve ser lida como documento de vida de um povo***

No entanto, para levar o povo de Deus à conversão pessoal e ao compromisso de atuar nas estruturas da sociedade, a Palavra de Deus deverá ser celebrada em condições favoráveis.

Em primeiro lugar a comunidade deve já estar amadurecida na fé por uma evangelização e catequese permanente e sistemática. A liturgia seria então o momento em que esta fé se alimentaria da Palavra do Senhor, e adquiriria mais vigor e disposição para a ação.

Além disso a comunidade deve também estar atenta para os possíveis desvios que podem ocorrer com a leitura da Bíblia. De fato podemos ler a Bíblia como fonte de argumentos para defender nossas idéias religiosas, bem como livro de piedade contendo orientações morais e religiosas. A Bíblia, porém, deve ser lida como documento de vida de um povo, cuja fé na própria vocação à aliança com Deus domina a história. Somente assim, a palavra de Deus celebrada na liturgia pode levar-nos à conversão pessoal e à transformação social. A leitura da Bíblia como argumento para nossas idéias, ou como reforço para nossos sentimentos piedosos nos conduzirá às divisões ou ao pietismo.

Aqui portanto, uma pastoral bíblica bem orientada é pré-requisito de uma celebração em que a palavra de Deus provoque conversão pessoal e estrutural.

### Os Pobres na Liturgia

Das respostas se pode concluir o seguinte:

#### Positivos

- Maior conscientização de todos para solidariedade, levando-os à participação e integração na comunidade
- Em geral a homilia leva em conta a situação de pobreza e injustiça em que o pobre se encontra
- Fazendo cultos e celebrações em lugares onde vivem os mais pobres
- Sermões mais corajosos e proféticos (elaborados pelo bispo)

#### Negativos

- A liturgia tradicional leva pouco em conta a opção preferencial pelos pobres
- Há pouco engajamento em favor do pobre e da luta por ele
- A pastoral litúrgica se preocupa demais com a classe pobre, lembrando a ela só os direitos e não os deveres. A classe média que trabalha fica abandonada

— De forma exagerada só aponta injustiças

## Observações

Sem dúvida este é um desafio que se põe às equipes e comunidades celebrantes. É consequência de uma consciência cristã mais comprometida com a realidade, acompanhada de um profundo sentido da dimensão orante da Igreja. Acontece que não são muitos os agentes de pastoral que conseguem fazer esta síntese. Com muita frequência encontram-se agentes muito zelosos e ardentes defensores do direito dos pobres e empobrecidos, mas bastante secularizados. As celebrações passam a ser apenas estratégias para reunir o povo e oportunidade para se conclamar as massas a assumirem uma postura crítica e uma ação libertadora diante das diversas situações de opressão vivida pelo povo. De outro lado, é também muito comum encontrarem-se agentes piedosos e vibrantes nas celebrações, mas sem nenhum compromisso com a realidade que os cerca. Talvez tudo isso seja consequência da nossa formação. Enquanto uns na busca de segurança procuram se afirmar no modelo clássico e tradicional, outros se afirmam com posturas progressistas sem consistência espiritual, litúrgica e cristã.

Num e noutro caso a liturgia é a primeira a sofrer as consequências negativas. É preciso, portanto, a partir do próprio clero aprofundar a catequese e a espiritualidade litúrgicas para que a liturgia seja realmente celebrada e não apenas ritualizada e instrumentalizada, nem para um nem para outro lado.

### A Piedade Popular na Liturgia

As respostas dadas na pesquisa nos fazem concluir o seguinte:

#### Positivos

- Valorização dos cantos tradicionais que estão na alma do povo
- Introdução de instrumentos musicais
- Valorização de algumas festas de N. Sr.ª e dos Santos Padroeiros
- A Liturgia da Semana Santa aproveita muito da religiosidade popular
- Encenações populares como presépio vivo, descida da cruz, etc.
- Há uma volta ao sentido religioso popular e um respeito pelo que é do povo, orientando-o e purificando-o

#### Negativos

- Muito pouco se tem feito nesta integração
- Falta incentivo e apoio por parte dos padres e bispos
- Ainda não se integrou, religiosidade popular e liturgia
- Religiosidade popular e liturgia caminham paralelamente
- Faltam estudos mais profundos sobre o tema, não apenas na área da liturgia mas também na área das ciências humanas
- Improvisa-se muito nesta área, às vezes sem base nem antropológica nem litúrgica.

## Observações

Permanece no meio do clero e dos agentes de pastoral "clericalizados" o preconceito de que a religiosidade popular é um subproduto da religião oficial. O interesse pela religiosidade popular para um grande número deles não passa de uma estratégia: encher a igreja de fiéis pelo simples gosto de ver a igreja cheia, ou para a partir do que o povo gosta levá-lo ao engajamento social e político.

*Permanece no meio do clero e dos agentes de pastoral "clericalizados" o preconceito de que a religiosidade popular é um subproduto da religião oficial.*

Encontramo-nos numa situação contraditória. Os livros litúrgicos e os documentos da Santa Sé abrem as portas para a integração da religiosidade popular e da liturgia. Não se percebe porém, nenhuma concretização neste sentido. Continuamos com uma liturgia romana, sem nada de característico de nossa gente. Como exemplo basta citar o ritual do matrimônio. Apesar das faculdades de se elaborar um ritual consoante com os "usos dos lugares" a CNBB nada mais fez do que uma simples tradução.

As causas desta não-integração devem ser muitas. Algumas, porém, saltam à vista.

- 1— O desconhecimento das orientações litúrgicas. Poucos padres e outros agentes de pastoral leram as orientações que introduzem os rituais e os demais documentos da Santa Sé, do CELAM e da CNBB.
- 2— o desconhecimento da cultura popular. Esta é mais séria e profunda. Os padres, como os demais brasileiros, têm uma formação escolar cujo sistema foi sempre importado. Noutros tempos nossa escola imitava o sistema educacional francês. Atualmente importa o sistema americano.
- 3— As orientações dos rituais e dos documentos continuam sendo orientações de uma elite para outra elite. O povo simples com seu rico patrimônio de religiosidade popular permanece mudo. Os intérpretes que se colocam como intermediários e porta-vozes do povo acabam impondo os pontos de vista próprios. A consequência é sem dúvida o que aí está: a distância enorme entre liturgia e religiosidade popular.

## Conclusão

*"a liturgia não é moda que possa desaparecer com o decorrer do tempo, . . ."*

Estas são algumas observações a respeito do levantamento feito em 1984 para avaliar a caminhada da pastoral litúrgica após a publicação da Constituição "Sacrosanctum Concilium". O material encontra-se arquivado no Regional

e até o momento não foi aproveitado, apesar da riqueza de informações.

O Cardeal Jean Villot inspiradamente escreveu que "a liturgia não é moda que possa desaparecer com o decorrer do tempo, na vida da Igreja, ainda que certas circunstâncias particulares possam fazer sentir a urgência de outros aspectos da vida e do trabalho eclesial, como o campo da catequese ou da promoção humana".

A liturgia nunca foi o forte do nosso Regional. O movimento litúrgico do começo do século, por exemplo, nem chegou aqui. Imediatamente após o Concílio, quando ainda fazíamos parte do Regional Sul III houve um despertar de interesse pela renovação litúrgica, mas muito rápido voltamos à letargia.

Se a liturgia não é moda (Cardeal Villot), se o fomento da vida cristã, a adaptação das instituições eclesiais à nossa época, o movimento ecumênico e o impulso missionário dependem do incremento da liturgia (SC 1), o novo Plano de Pastoral do Regional Sul IV não pode ficar desatento para este setor tão importante da ação eclesial

Endereço do Autor: Casa Paroquial  
88340 — Camboriú — SC

## Para Implantar Mistérios de Deus em SC

**Pe. Helcion Ribeiro**  
Professor de Cristologia

Esta reflexão teológica, para agentes de pastoral envolvidos com o programa do Regional Sul IV para o ano pastoral 86/87, estrutura-se em três tempos, subdivididos. A linha de fundo é propor uma atitude de pré-planejamento, onde se vise contextualizar a elaboração de um plano pastoral no projeto salvífico de Deus. Nesse sentido a primeira parte do trabalho propõe o mistério da Igreja na concretude catarinense fundado na Trindade Santa, elencando as dimensões dialético-complementares da Igreja já presente entre nós, mas ainda não plenificada. A segunda reflete quatro situações conjunturais (posição privilegiada de SC, nossa religiosidade estrutural, a dificuldade do passo novo, a coragem de uma de nossas Igrejas Particulares e os contrastes de nossa realidade). A terceira parte é projetiva ao acenar algumas situações a serem levadas e, conta no novo projeto (o binômio fé/vida, a Igreja servidora-no-mundo-catarina, ecumenismo. Religiosidade popular, educação para o associativismo e espírito de comunhão e participação. Repropõe-se na conclusão o espírito de fé do plano do Deus Trinitário que deve sustentar nosso plano de homens da Igreja.